

Carta pastoral
dirigida às paróquias da Diocese de Rotemburgo-Estugarda
acerca da pandemia Corona

25º domingo do ciclo do ano
20 de setembro de 2020
Bispo Dr. Gebhard Fürst

Fé em Deus
em tempos de Corona

Queridos irmãos e irmãs,

Passada uma semana após o fim das férias e o início das aulas, venho contatar-vos.

A crise Corona continua a ser uma grande preocupação para todos, e exerce um severo impacto sobre a nossa vida quotidiana. Desde março deste ano a pandemia Corona tem afetado a nós e todo o mundo. Os dias de hoje exigem muito de nós. É preciso renunciar a coisas que nos são caras, fazer mudanças na nossa vida quotidiana, comprometer o nosso modo de vida livre, aceitar severas restrições nas visitas à igreja e na celebração de missas.

Queridos irmãos e irmãs, gostaria primeiramente, com um olhar retrospectivo, expressar-vos um muito obrigado. A grande maioria de vós, também na nossa diocese, tem agido de forma muito responsável durante as últimas semanas. Assim, apesar de todas as tensões físicas e mentais, temos até agora atravessado esta grave crise relativamente bem, em comparação com outros países. Mas estes tempos ainda não terminaram.

Nestes dias tão afetados pelo vírus corona o nosso convívio mostra-nos a todos como é importante a ajuda mútua. Manter distância uns dos outros é algo que surgiu como uma imposição por razões higiénicas, mas *não* levou até agora a um íntimo *distanciamento uns dos outros como seres humanos*. Pelo contrário: a atenção dedicada às situações e necessidades dos nossos semelhantes, a simpatia pelos seus próprios destinos, e o exercício de uma ajuda fraternal têm aumentado em muitos lugares. A distância física, que deve ser mantida por razões higiénicas, levou frequentemente a uma ainda maior proximidade e simpatia uns pelos outros. As dolorosas experiências de isolamento sofridas por pacientes gravemente afetados, ou moribundos, abalaram-nos a todos de modo muito profundo. Graças a Deus, familiares, enfermeiros, médicos e amigos, mas também pessoas em profissões eclesiais, pastores, diáconos, conselheiros pastorais e assessores da diocese, e especialmente ainda muitos e muitos cristãos empenhados em trabalho voluntário, têm tomado conta de pessoas necessitadas. O que aqui já vi, ouvi e vivi em termos de empenho humano no apoio mútuo, deu-me conforto e esperança, apesar de todo o sofrimento imposto pela situação. A igreja esteve próxima das pessoas, através de pessoas a atuar localmente.

Queridos irmãos e irmãs! Perante tudo o que estes tempos de Corona já nos obrigou a todos, *muitos fiéis se perguntam, com um coração pesado: Porque é que tudo isto tinha que acontecer assim?* Terá Deus esquecido a sua criação, terá Deus esquecido as suas criaturas, nós, os seres humanos?

Queridos irmãos e irmãs na fé! Não é fácil responder a estas perguntas, tão angustiantes para nós. Mas é útil manter à mão as Sagradas Escrituras. A Bíblia relata por toda a parte as experiências que pessoas vivenciaram com o seu Deus. Em todas essas histórias da vida relata-se não só a felicidade e a salvação, mas também os infortúnios e os desastres. Descrevem-se guerras e conflitos, desespero e impotência, e até mesmo a dolorosa experiência de pessoas que estavam afastadas de Deus. Mas as histórias bíblicas também testemunham que, apesar de tudo, as pessoas não desistiram da sua relação com Deus.

Também as experiências de Jesus, ao sentir-se perto de Deus ou longe de Deus, nos abalam. Jesus de Nazaré, o bom e justo homem, viveu ao longo do seu historial de imenso sofrimento e crucificação momentos em que Deus parecia eclipsado. Os seus sofrimentos não foram certamente castigos. O seu grito durante a crucificação não foi um grito no vazio. ***ELE perguntou a DEUS: "Por que é que TU ME abandonaste?"*** Ou seja, na sua mais profunda angústia Jesus não abandonou a sua relação com Deus. – Sabemos o que resultou em seguida: vitória sobre a morte, ressurreição, e vida nova...

Queridos irmãos e irmãs! Olhemos para Jesus de Nazaré, para o povo da Bíblia, que no meio da adversidade não perde Deus de vista.

Apesar de desconhecermos a razão do que estamos atualmente a vivenciar, devemos permanecer unidos a Deus e permanecer seguros de que tudo teve que acontecer na forma como está a acontecer.

Não vamos desistir do nosso relacionamento com Deus! Vamos dirigir a Deus as nossas experiências dolorosas, porventura até reprovadoras. ***A oração nos sustenta!***

Especialmente ao ler os Salmos, os cânticos de oração do Antigo Testamento, podemos sentir quão profundamente crentes as pessoas souberam agradecer a Deus, louvá-lo e fazer-lhe pedidos, e inclusive acusá-lo devido à distância que experimentaram. ***Os Salmos são uma verdadeira escola de oração, em tempos da mais premente necessidade.*** Nós, tal como o povo bíblico, não desistimos da relação viva com Deus, e mantemo-la viva sem nos esquecermos de Deus, mas sim apelando a Deus, ou seja, através da oração.

Há ainda uma segunda razão para não perdermos a proximidade com Deus. Saberemos manter uma relação viva com Deus, se deixarmos que os outros sintam a nossa proximidade, e experimentem a mesma de tal maneira que não se sintam sós. Deus está imediatamente presente no momento em que os nossos vizinhos, através de nós e da nossa ação amorosa, sentirem a proximidade curativa de Deus. Deste modo, graças às nossas ações e ao amor praticado para com os nossos próximos, tornamo-nos testemunhas de Deus.

De onde colher forças para amar e ajudar desinteressadamente os nossos próximos? A força para amar é algo que cresce em nós a partir de uma relação viva com Deus, em oração. Mas ela também cresce para nós de modo especial ***a partir da celebração da Eucaristia!***

Queridos irmãos e irmãs, a nossa Igreja está a atravessar um período de dificuldades que não tem precedentes. As nossas assembleias e reuniões estão a sofrer imenso, especialmente a celebração dominical da Eucaristia. Ainda hoje, só podemos fazer celebrações com um número limitado de fiéis, e em condições difíceis de aceitar. Estou grato, queridos irmãos e irmãs, por terem vindo hoje para celebrar o culto dominical. Ao fazê-lo, estão a dar um sinal da vossa fé e um sinal de fé da nossa igreja. A celebração da Eucaristia não é uma reunião qualquer. Ela é também um tipo de culto diferente de outros cultos, por muito importantes que eles sejam. Menciono aqui apenas a celebração da Palavra de Deus, com o sacramento da comunhão. – Na Eucaristia, a Santa Missa, celebramos a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Trata-se de uma santa reunião iniciada por Deus: uma celebração litúrgica com sinais sagrados. Nesse momento o amor de Deus por nós torna-se simbolicamente presente e eficaz. Especialmente importante é a celebração sacramental do amor devocional de Jesus de Nazaré por nós. Na sua celebração, todos vós, todos nós, somos como crentes levados até ao Cristo vivo e atuante.

Por isso, queridos irmãos e irmãs, estou feliz e grato pelo fato de nós, como povo de Deus, podermos celebrar a memória de Jesus. A partir do seu espírito ganhamos as forças, segundo o espírito de Jesus, para agir e *ajudar todos e quaisquer sofredores nestes tempos terríveis.*

Porque é que menciono isto na carta que hoje vos envio?

Queridos irmãos e irmãs, nestes tempos de pandemia preocupa-me que na nossa Igreja o mistério profundo da Eucaristia possa ser banalizado ou mesmo ficar perdido. Quem tem uma fraca estima em relação à Eucaristia, pode perder o contato vital com a mesma. Cuidemos, portanto, especialmente nestes tempos difíceis, para não dissipar a fonte eucarística da nossa fé e da nossa Igreja, bem como toda a nossa ação eclesial e pessoal.

Se para nós a Eucaristia desaparecesse, perderíamos então, como Igreja, *a fonte mais importante da nossa energia para amar.*¹ pois na celebração da Eucaristia o Espírito de Jesus Cristo ganha vida entre nós. O Cristo presente impele-nos, pelo seu Espírito, *a amar o nosso próximo como a nós mesmos, e amar hoje tal como Jesus amou os demais.*

Sejam todos abençoados!

Rotemburgo, na Festa da Exaltação da Santa Cruz, 14 de setembro de 2020

O vosso Bispo Gebhard Fürst

¹ Na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, que foi solenemente proclamada durante o Concílio Vaticano II é ensinado: A liturgia, a Eucaristia, é **a origem, o centro** e ao mesmo tempo o objetivo de **toda a ação eclesial**. (veja-se o Sacrosanctum concilium Art. 10, Lumen Gentium Art. 11)